

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

PROENÇA, Silvana Veloso de Faria¹

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

SANTOS, Rodney Batista dos²

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir a importância da afetividade na educação infantil, de modo que o afeto se dá pela relação do professor/aluno. Esse tema conduziu as seguintes hipóteses. A afetividade é primordial para o desenvolvimento da criança? É possível estabelecer uma relação de afeto entre professor e aluno de forma que isso contribua para o processo de ensino/aprendizagem? É possível trabalhar o afeto também no âmbito escolar não apenas no convívio familiar? Para se assegurar da veracidade de tais hipóteses foram estabelecidos os seguintes objetivos: verificar como a relação afetiva se desenvolve entre professor e aluno, e como a afetividade contribui para o pleno desenvolvimento da criança na Educação Infantil, e buscar embasamentos teórico e bibliográfico que explique os reflexos da afetividade no processo ensino-aprendizagem visando contribuir com a prática pedagógica todo o trabalho se deu através de estudos e materiais científicos além de sites pertinentes a tema e bibliografias.

Palavras-Chave: Afetividade, Relação Professor/Aluno, Ensino/Aprendizagem

ABSTRACT

This article aims to discuss the importance of affectivity in early childhood education, so that this affection is due to the teacher / student relationship. This theme led to the following hypotheses: affectivity is paramount for the child's development; it is possible to establish a relationship of affection between teacher and student in a way that contributes to the teaching / learning process; it is possible to work affection also in the school environment, not only in family life. In order to ensure the veracity of such hypotheses, the following objectives were established: to verify how the affective relationship develops between teacher and student, and how affectivity contributes to the full development of the child in Early Childhood Education, and to seek theoretical and bibliographical foundations that reflections of the affectivity in the teaching-learning process aiming to contribute with the pedagogical practice all the work was done through studies and scientific materials besides sites pertinent to theme and bibliographies

Keywords: Special education. Assistive Technology. Pedagogical Resource

1. INTRODUÇÃO

¹ Acadêmico do Curso de Pedagogia do 4º ano – FAIT. E-mail: silvana_veloso_@hotmail.com

² Mestre pela Universidade Metodista – Professor na área de Pedagogia na FAIT. rodney.santos66@hotmail.com

O presente trabalho discorre sobre a afetividade na Educação Infantil, a criança nesse período está se descobrindo como ser pensante e a relação professor/aluno tem grande importância para o desenvolvimento, a afetividade nesse contexto é essencial para estabelecer uma relação que favoreça a efetivação da aprendizagem e do desenvolvimento da criança.

Nesse contexto Barbosa (2001) acrescenta que, para que a aprendizagem ocorra é preciso um vínculo afetivo nesse processo oferecendo a ela um ambiente positivo tanto para o educador como para o aluno.

Para justificar a relevância dessa pesquisa, Lopes (2009) afirma que:

Quando a criança vai para a escola, leva consigo todos os conhecimentos já adquiridos, bem como os prenúncios de sua vida afetiva. Estes aspectos se relacionam dialeticamente, interagindo de forma significativa sobre a afetividade do conhecimento. Com isso, a escola, bem como todos os envolvidos no exercício de promover a socialização, possui papel de grande relevância no desenvolvimento infantil (LOPES 2009, p.2).

Portanto, levanta-se o seguinte problema de pesquisa, como a relação aluno-professor contribui para o pleno desenvolvimento da criança?

Através desse questionamento surgiram as seguintes hipóteses: a afetividade é primordial para o desenvolvimento da criança; é possível estabelecer uma relação de afeto entre professor e aluno de forma que isso contribua para o processo de ensino/aprendizagem; é possível trabalhar o afeto também no âmbito escolar não apenas no convívio familiar.

Em implicação de tais hipóteses, houve a necessidade de estabelecer os seguintes objetivos: verificar como a relação afetiva se desenvolve entre professor e aluno, e como a afetividade contribui para o pleno desenvolvimento da criança na Educação Infantil, e buscar embasamentos teórico e bibliográfico que explique os reflexos da afetividade no processo ensino-aprendizagem visando contribuir com a prática pedagógica.

Esse trabalho se deu a partir de pesquisas bibliográficas em livros, sites e artigos científicos pertinentes ao tema, sendo separado de acordo com a cronologia, para que possibilitasse um plano de leitura.

2. A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Para iniciar o seguinte estudo há a necessidade de conceituar o que é afetividade. Para isso Cabral (2018) a afetividade é um estado psicológico do ser humano que pode ou não ser modificado a partir das situações.

O dicionário online de português (2018, s/p) define afetividade assim “Psicologia Conjunto dos fenômenos afetivos (tendências, emoções, sentimentos, paixões etc.). Força constituída por esses fenômenos, no íntimo de um caráter individual”. Assim, a afetividade pode-se entender como toda demonstração de emoções, experiências sensíveis, a capacidade ter contato com diversas sensações através das vivências do ser humano que são únicas e essenciais.

Bock et al. (1999) afirma que Vygotsky em suas teorias a criança aprende em sua relação com o outro nesse sentido ele enfatiza que: [...] a relação do indivíduo com o mundo está sempre mediada pelo outro, não há como aprender e apreender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar o mundo a nossa volta. [...] . (BOCK et al. 1999, p. 124). Sendo essa relação afetiva entre professor e aluno, de forma que a criança se sinta bem e segura tende a facilitar o processo de ensino aprendizagem.

2.1. Como a Relação Afetiva se Desenvolve Entre Professor e Aluno

Reginatto (2013) afirma que amor é essencial em qualquer profissão, mas são os professores que formam cidadãos e preparam o indivíduo para a vida e, portanto, para que os frutos do amor e da afetividade se espalhem professores precisam propor situações que envolvam a interação. Considerando o afeto no ato de ensinar, o professor transforma a escola num lugar acolhedor, que incentiva o aluno a se dedicar e buscar melhoras e avanços significativos a cada dia que passa (REGINATTO (2013, p.9)

Através do afeto o professor tem em suas mãos a possibilidade de transformar o ambiente de aula e os que nela estão. A forma como acontece a educação se dá de diversas maneiras e é preciso estar atento ao momento principalmente quando esses não são considerados educativos (MONASTA, 2010).

A relação professor e aluno passou por diversas mudanças ao longo da história devido as abordagens pedagógica e tendência de ensino, pensando nessas transformações, Carvalho e Colombani (2014) elaboraram uma tabela com as principais manifestações pedagógicas ao longo da história, explicando como se dava a relação professor e aluno no período.

FIGURA 01 - Principais Abordagens Pedagógica e a Relação Professor/Aluno

Abordagens	Relação professor-aluno
Tradicional	É vertical, cabendo ao professor informar e conduzir os alunos em direção a objetivos que lhe são externos. As relações são longitudinais e estão ligadas à transmissão de um conteúdo predefinido, cumprindo ao aluno repetir os dados e informações. A sala de aula permanece intelectual e afetivamente dependente do professor, sem interação com o aluno.
Comportamentalista	Também centrado no professor, o sistema de ensino aprendizagem visa a maximização do desempenho do aluno, considerando-se fatores como economia de tempo, esforços e custos. Analista das contingências, ao professor cabe planejar as atividades em função das respostas previamente desejadas.
Humanista	O professor é um facilitador da aprendizagem, fazendo com que o aluno entre em contato com problemas vitais que tenham repercussão na sua existência. Para isso, deve-se aceitar o aluno tal como é e compreender os sentimentos que ele possui, de forma que se responsabilize pelos objetivos referentes à aprendizagem.
Cognitivista	Ao professor cabe criar situações e condições que levem os alunos a estabelecer uma reciprocidade intelectual e uma cooperação moral e racional. Propondo desafios e provocando desequilíbrios, o professor deve orientar o aluno, concedendo-lhe ampla margem de autocontrole e autonomia, sem oferecer a solução pronta. “
Sociocultural	É horizontal, de forma que aluno e professor desmitifiquem e questionem a cultura dominante, criando as condições para que a consciência ingênua seja superada e percebam as contradições da sociedade e do grupo em que vivem. É baseada no diálogo e os conhecimentos científicos são analisados como um produto histórico.

Fonte: A Relação Professor-Aluno E A Amizade Na Sala De Aula: Reflexões Para A Prática Pedagógica Contemporânea

Contudo, atualmente pesquisadores veem a relação professor e aluno como fundamental para a aprendizagem, e nesse sentido Chalita (2004, p.153) explica que: “O professor é a referência, é o modelo, é o exemplo a ser seguido e, exatamente por causa disso, o pouco que fizer afetuosamente, uma palavra, um gesto, será muito para o aluno com problemas”. Tudo que o aluno reproduz tem a mão do professor, se ele dirige ao seu aluno com afeto provavelmente ele também atribuirá em seus atos o afeto com os demais, pois se torna um hábito, a partir do momento que ele vê o adulto agindo dessa forma para ele passa a fazer sentido agir também, ela se sente bem com isso.

Andrade (2010) relata que o professor precisa entender o aluno e todo seu contexto sociocultural, pois auxilia em seu trabalho que deve ter acima de tudo sentimento de amor, carinho e respeito com o seu aluno. “No ambiente escolar afetividade é além de dar carinho, é aproximar-se do aluno, saber ouvi-lo, valorizá-lo e acreditar nele”.

É preciso conhecer a realidade do aluno para que o professor possa identificar como pensam, sem essa informação fica difícil saber o que sabem ou não. (FREIRE, 1997). Sem conhecer a realidade do aluno, o professor não tem subsídio para entendê-lo, e poder ajudar nas suas necessidades.

Afinal, como afirma Tassoni (2000): a aprendizagem se dá através das interações sociais, no ambiente escolar acontece entre a relação professor e aluno, e dessa forma existe uma relação de afeto que permeia esse processo. Portanto, pode-se dizer que cabe ao professor ao estreitar o laço afetivo com seu aluno, visto que é a forma que ele se dirige a criança que faz com que ela também retribua com afetividade, demonstrando entusiasmo para aprender e realizar as atividades que o professor propõe.

Reginatto (2013) ressalta a importância da consciência do professor nesse contexto, pois cabe a ele também contribuir para a formação da personalidade da criança, devendo levar em consideração sempre os aspectos familiares e emocionais do aluno, pois quando deixado de lado contribui para uma formação de indivíduo que é indiferente, essa relação precisa ser pautada na amizade respeito e confiança, para tanto a afetividade é fundamental. Nessa perspectiva, pode-se compreender que não basta apenas ensinar, é preciso que o professor estabeleça uma relação afetiva com seu aluno, e para que isso ocorra é necessário conhecer a realidade do seu aluno, pois sua atuação diante dele e a consideração que ele desempenha para relacionar se com ele terá impacto na formação dessa criança.

Henri Wallon considera que para construção do indivíduo como pessoa e seu conhecimento, a afetividade vital esse processo (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010)

Röhrs (2010) ressalta que é importante que a educação que a criança venha receber seja equilibrada desde o início, pois do contrário ela se torna falsa de compreensão expectativa e comportamento.

2.2. Como a Afetividade Contribui para o Desenvolvimento da Criança na Educação Infantil

Cavalcante (2005) afirma que afetividade não é só beijo, mas também está presente quando o professor é severo, mas agindo de forma justa e respeitosa, dessa forma gera

admiração e não decepção, pois quando há uma boa relação, se desenvolvem de forma positiva e se sentem acolhido e valorizados. Pode-se entender que o contato físico demonstra afeto, mas as palavras, a forma como interajo com as pessoas também demonstra a afetividade

Brasil (1998) no Referencial Curricular da educação Infantil (RCNEI) apresenta a afetividade como imprescindível para a prática pedagógica na educação infantil, e dessa forma afirma que:

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. Para se desenvolver, portanto, as crianças precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que estabelece (BRASIL 1998, p. 21).

A afetividade está associada ao indivíduo ao longo da vida, e é uma mola propulsora para desenvolvimento de inúmeras emoções e por essa razão que “É inconcebível uma educação em que não exista a afetividade em sua composição, pois “[...] sem afeto não há educação” (CHALITA, 2004, p. 149). Pois para ensinar alguém é preciso de interação social, e a forma como interajo pode determinar a aprendizagem desse aluno.

Galvão (2014) acredita que a afetividade e o desenvolvimento motor e cognitivo apresentam poucas diferenças no início do desenvolvimento e ao longo do tempo vão ficando distintos. Com esse pensamento pode-se entender que a afetividade é tão importante para o desenvolvimento infantil que precisa estar associado as demais estruturas do indivíduo.

Quando a afetividade não atinge o ponto necessário para o indivíduo se sentir satisfeito, o resultado é dificuldades no processo ensino aprendizagem tanto para o aluno como para o professor (MAHONEY & ALMEIDA, 2004).

Nesse contexto, Lima (2010) lembra que é através daquilo que o indivíduo aprende que interage com o mundo, transforma sua realidade e é transformado por ela garantindo sua existência.

A fase da educação infantil pode representar na vida da criança uma experiência rica que trará sempre lembranças agradáveis, como também pode ser geradora de muitos problemas, por esta razão a necessidade de acolher bem a criança no ingresso à escola. Quando chega à escola com medos, angústias, inseguranças, pois é um ambiente novo onde ele carrega sua

Ano VIII – Volume – Número – Mês, 2020

bagagem de história de vida e deposita neste novo lugar. Todo um processo de adaptação que terá que ser oferecido a ela um ambiente acolhedor e prazeroso para que aos poucos vá superando esses sentimentos e lidando com eles de maneira positiva. Também para a escola, professores e pais é um período de adaptação. Nesse sentido, os vínculos afetivos entre família e escola precisam ser construídos para que a criança sinta que a família tem uma relação de confiança em relação aos seus novos cuidadores (LADWING, GOI, SOUZA, 2013, p.12-13).

A fase da educação infantil é a base para o seu desenvolvimento, é ela quem vai dar o suporte para que a criança se desenvolva e adquira as habilidades que necessita ao longo da vida. Wallon classifica o desenvolvimento infantil em 5 estágios e expressa as características em cada estágio como:

Impulsivo-Emocional (de 0 a 1 ano): onde o sujeito revela sua afetividade por meio de movimentos, do toque, numa comunicação não-verbal; - sensório Motor e projetivo (1 a 3 anos): a criança já fala e anda, tendo o seu interesse voltado para os objetos, para o exterior, para a exploração do meio; Personalismo (3 a 6 anos): fase da diferenciação, da formação do “eu”, da descoberta de ser diferente do “outro”; - Categorical (6 a 10 anos): organização do mundo em categorias leva a um melhor entendimento das diferenças entre o “eu” e o “outro”; Puberdade, adolescência (11 anos em diante): acontece uma nova crise de oposição, ou seja, o conflito eu-outro retorna, desta vez como busca de uma identidade autônoma, o que possibilita maior clareza de limites, de autonomia e de dependência. É nessa fase que o indivíduo se reconhece como ser único, com personalidade, com valores, com sentimentos. (Apud MAHONEY & ALMEIDA, 2005 p.22)

Cabral (2018) contribui dizendo “A afetividade é uma sensação de extrema importância para a saúde mental de todos os seres humanos por influenciar o desenvolvimento geral, o comportamento e o desenvolvimento cognitivo”. Dessa forma, é possível compreender que a afetividade contribui para o desenvolvimento infantil, atuando ora como principal agente para o desenvolvimento favorecendo a personalidade do indivíduo e sua interação com o meio e com os outros, e ora como aspecto motivacional para o desenvolvimento de outras áreas, portanto, é preciso sempre considerar a afetividade no trabalho a ser realizado com a criança.

2.3. A Afetividade no Processo Ensino/Aprendizagem e nas Práticas Pedagógicas

Chalita (2004) considera que para trabalhar com a educação infantil, o professor deve estar atendo as emoções para lidar com as situações com paciência, técnica e criatividade favorecendo a socialização dos aspectos afetivos.

Se a educação não conseguir promover a construção do conhecimento por meio do afeto, do respeito às dificuldades e aos sentimentos do aluno, não será à base do autoritarismo e do castigo que formará cidadãos coerentes. “Pois o afeto entre educador e educando é como uma semente lançada em terra fértil: germina numa rapidez surpreendente e produz frutos de qualidade “ (BONFIM, 2010, p. 9).

Segundo o parecer CNE/CEB nº 7/2010:

A proposta da educação infantil deve considerar o currículo como o conjunto de experiências em que se articulam saberes e socialização do conhecimento em seu dinamismo, dando ênfase à gestão das emoções, entre outros aspectos (BRASIL, 2010, p. 19).

Está claro a importância do professor conhecer seus alunos, e Saltini (1997) ressalta que além da estrutura biofisiológica e psicossocial, é preciso compreender que a criança tem necessidade de chorar, rir, dormir, sofrer e ainda estão compreendendo o mundo em vive, inclusive o que faz na escola. É preciso ver a criança como um todo, pois ela não deixa suas aflições e alegrias em casa, e para compreender é preciso conhecer.

“Crianças precisam de professoras e professores profissionalmente competentes e amorosos e não de puros tios e de tias” (FREIRE, 2010, p. 74). É preciso estabelecer uma relação de afeto, mas também é preciso deixar claro qual o seu papel dentro da sala de aula, que a família está na casa esperando por ela.

Leite (2012) elaborou uma síntese relacionando a afetividade com as práticas pedagógicas da seguinte forma:

a) a produção do conhecimento é um processo que ocorre a partir da relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto. Nessa relação, o sujeito tem uma participação essencialmente ativa, ou seja, as relações com os diversos objetos possibilitam ao sujeito a elaboração de ideias, hipóteses, relações, análises, sínteses, etc. Tais processos, na escola, correspondem às relações que se estabelecem entre o aluno e os diversos conteúdos abordados; b) toda relação sujeito-objeto é sempre mediada por agentes culturais, que podem ser pessoas físicas ou produtos culturais, como no caso de um texto produzido por alguém, que possibilita o contato entre o sujeito e um determinado objeto/assunto. Além disso, pode-se assumir que a maneira como o processo de mediação ocorrerá é um dos principais determinantes da qualidade da relação que vai se estabelecer entre o sujeito e o respectivo objeto. Na escola,

Ano VIII – Volume – Número – Mês, 2020

o principal agente mediador entre o sujeito (aluno) e o objeto (conteúdo escolar) é, sem dúvida, o professor, na medida em que todas as práticas pedagógicas dependem de seu planejamento e da forma concreta como são desenvolvidas; c) as relações que se estabelecem entre sujeito-objeto-mediador também são marcadamente afetivas. Ou seja, tais relações não envolvem somente as esferas cognitivas/intelectuais, mas, simultaneamente, provocam repercussões internas e subjetivas nos sujeitos, de natureza basicamente afetiva; d) finalmente, como consequência inevitável dos pressupostos acima expostos, assume-se que a qualidade da mediação desenvolvida é um dos principais determinantes da relação que vai se estabelecer entre o sujeito e o objeto de conhecimento, envolvendo, simultaneamente, as dimensões cognitiva e afetiva. Em outras palavras, o tipo de relação afetiva que vai se estabelecer entre o aluno e um determinado conteúdo escolar - relação que pode variar entre fortes movimentos de aproximação ou de afastamento, ou seja, relações de amor ou de ódio, nos seus extremos - vai depender, em grande medida, da concretude das práticas de mediação pedagógica planejadas e desenvolvidas em sala de aula, pelos agentes mediadores, o que nos leva a ratificar que as práticas de mediação pedagógica também são marcadamente afetivas. (a) a produção do conhecimento é um processo que ocorre a partir da relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto. Nessa relação, o sujeito tem uma participação essencialmente ativa, ou seja, as relações com os diversos objetos possibilitam ao sujeito a elaboração de ideias, hipóteses, relações, análises, sínteses, etc. Tais processos, na escola, correspondem às relações que se estabelecem entre o aluno e os diversos conteúdos abordados (LEITE 2012,

Para Cury (2008) defende que a afetividade deve estar sempre presente nas práxis do professor, pois são insubstituíveis, pois nenhuma máquina pode ensinar sentimento, gentilezas, tolerâncias e inclusão. É através da ação do professor que seus alunos também colocarão em prática com seus colegas e familiares o afeto que recebem em sala de aula.

Para Vygotsky (1992 p.75), “os processos cognitivos não estão separados das relações afetivas, caracterizando um dos erros da psicologia tradicional de separar o afetivo do cognitivo, pois ele declara que o pensamento surge de motivações”. Portanto é fundamental que a afetividade esteja presente no ambiente escolar de maneira positiva (ANTUNES, 2007 p. 21).

Nesse sentido, é possível perceber que a afetividade não está dissociada de outras áreas de desenvolvimento da criança e deve estar presente em todas as relações, mas como visto no decorrer do capítulo, o professor é um modelo para seu aluno, e a forma como ele agir irá influenciar as relações dos alunos, e um sujeito que não se desenvolve afetivamente é um sujeito indiferente e incompleto, portanto, o afeto deve estar presente na prática pedagógica e em todo o processo de ensino e aprendizagem. É preciso observar que essa relação de afetividade não pode ser só entre professor e aluno, a escola como um todo tem a

Ano VIII – Volume – Número – Mês, 2020
responsabilidade de oferecer as crianças um ambiente afetuoso, pois a educação de uma criança é responsabilidade de todos. (ANTUNES, 2007).

[...] é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos, fundamentada numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e paradigmas da sociedade. (ABREU & MASETTO, 1990, p. 115)

Pois assim como afirma Freire (2010) cabe ao professor trazer o aluno para perto através de suas falas e atitudes e estimulando sua imaginações, dúvidas e certezas. É através do professor que o aluno vai se relacionar nas atividades proposta na escola e levar o que aprender para além dos muros.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afetividade deve estar presente em todos os contextos que a criança está inserida, porém a escola é um ambiente extremamente rico para que essa ferramenta tão valiosa de aprendizagem seja colocada em pratica, pois cabe a ela forma um cidadão completo e apto a viver em sociedade.

Pode se verificar o quanto é importante que o professor tenha consciência da responsabilidade de contribuir para a construção da personalidade de uma criança, afinal, chegam na escola o professor passa a ser referência e modelo de como agir. E principalmente ter consciência que é através da afetividade que ele tem com seu aluno que é indiscutivelmente uma das necessidades que precisamos para a vivência e da convivência humana que ele irá contribuir com todo o desenvolvimento da criança.

Através das literaturas pode se concluir que as hipóteses levantadas estão corretas, sendo a afetividade é primordial para o desenvolvimento da criança; e é possível estabelecer uma relação de afeto entre professor e aluno de forma que isso contribua para o processo de ensino/aprendizagem; trabalhando o afeto também no âmbito escolar não apenas no convívio familiar foram confirmadas. Acrescentando que cabe ao professor desenvolver um laço afetivo com a criança, a forma como o professor se relaciona com seu aluno é o que vai estabelecer a relação que o aluno terá com o professor.

4. REFERÊNCIAS

ABREU, Maria C. & MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

ANDRADE, Maria Célia Milagre. Administradores. **Afetividade e Aprendizagem: Relação professor e aluno**. 2010. Disponível em:
<[Http://www.administradores.com.br/artigos/carreira/afetividade-e-aprendizagem-relacaoprofessor-e-aluno/44105/](http://www.administradores.com.br/artigos/carreira/afetividade-e-aprendizagem-relacaoprofessor-e-aluno/44105/)> Acesso em 16 de mai 2018.

ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006.194p.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **A psicopedagogia no âmbito da instituição escolar**. Curitiba: Exponente, 2001.

BOCK, Ana Maria Bahia et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva,1999.

BONFIM, Patrícia Vieira. **A criança de seis anos no ensino fundamental: uni-dunitê... corporeidade e ludicidade — mais que uma rima, um porquê**. 2010. 153 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação Processos Socioeducativos e Práticas Escolares. Departamento de Ciências da Educação. Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, Formação Pessoal e Social, Vol. 1, Brasília, 1998

BRASIL, Ministério da Educação. Parecer CNE/CEB. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** n. 20. Brasília, 2010.

CABRAL, Gabriela. Mundo Educação. **Afetividade**. 2018. Disponível em:
<[Https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/psicologia/afetividade.htm](https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/psicologia/afetividade.htm)> Acesso em 12 de maio 2018.

CARVALHO, A. B. de; COLOMBANI, F. **A Relação Professor-Aluno E A Amizade Na Sala De Aula: Reflexões Para A Prática Pedagógica Contemporânea**. 2014. Disponível em:
<http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro1/71%20A%20RELA%C3%87%C3%83O%20PROFESSORALUNO%20E%20A%20AMIZADE%20NA%20SALA%20DE%20AULA%20REFLEX%C3%95ES%20PARA%20A%20PR%C3%81TICA%20PEDAG%C3%93GICA%20CONEMPOR%C3%82NEA.pdf> = Acesso em: 29 ago. 2020

CAVALCANTE, Meire. **Como criar uma escola acolhedora**. Nova Escola. São Paulo: abril, nº. 180, p. 52-57, março de 2005.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 17. ed. São Paulo: Gente, 2004.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008

DICIO. Dicionário online de português. **Afetividade**. 2018. Disponível em:
<<https://www.dicio.com.br/afetividade/>> Acesso em 12 de maio 2018.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1997.

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. **Henri Wallon** / Hélène Gratiot-Alfandéry; tradução e organização: Patrícia Junqueira. – Recife: Fundação Joaquim. 2010.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LADWIG, Vânia Kunzler ; GOI, Rosalina Elizete Pires; SOUZA, Jânia Loines Gonçalves de. **ADAPTAÇÃO E ACOLHIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. 2013. XV Seminário Internacional de Educação do Mercosul. Disponível em:
<https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2013/EDUCACAO%20E%20DESENVOLVIMENTO%20HUMANO/ARTIGOS/ADAPTACAO%20E%20ACOLHIMENTO%20NA%20EDUCACAO%20INFANTIL.PDF> Acesso em: 30 ago. 2020.

LEITE, S. A. da S. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto ,v. 20,n. 2,p. 355-368, dez. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2012000200006&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 31 ago.2020.

LIMA, Anna Paula de Avelar Brito. **Psicologia da aprendizagem**. Recife: UFRPE, 2010.

LOPES, C. S. **A Afetividade e o Espaço Escolar** – Segundo Henri Wallon. Artigo Publicado em Anais do Congresso de Educação Científica da UNESP, São José do Rio Preto, SP. 2009

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Revista da Psicologia da Educação**, nº 20 – 2005.

MONASTA, Attilio. ANTONIO, Gramsci; tradução: Paolo Nosella. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.154 p.: il. – (Coleção Educadores)

REGINATTO, Raquel. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU. **A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem**. 2013. Disponível em:
< https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/11_1.pdf > Acesso em 28 de abr.2020.

RÖHRS, Hermann. **Maria Montessori**. Tradução: Danilo Di Manno de Almeida, Maria Leila

Ano VIII – Volume – Número – Mês, 2020

Alves. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 142 p.: il. – (Coleção Educadores)

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência**. 5º ed.- Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem**: A relação professor-aluno. In: Psicologia, análise e crítica da prática educacional. Campinas: ANPED, 2000

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. Livro para professores, Ática, São Paulo, 2009, p. 11-42.